

Enunciação e desempenho na análise de um programa de tevê

Ercio Sena*

Resumo

Neste trabalho, analisa-se a articulação dos elementos que compõem um tipo de interação midiática e o desempenho de seus protagonistas com base em um fragmento do programa Criança Esperança, da Rede Globo de Televisão. São trabalhados, no texto, conceitos como enunciação, interação e desempenho, tomando a relação dialógica dos apresentadores do programa com seus entrevistados como referência de análise. A frequente dinâmica de alteração das falas observada nesse diálogo é destacada como forma de ajuste imprescindível ao contexto que a interação analisada instaura.

Palavras-chave: Discurso. Enunciação. Desempenho na televisão.

*Formado em História. Bacharel em Comunicação com Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas. Mestre em Comunicação pela UFMG e doutor Letras pela PUC Minas. Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas.

Introdução

Neste texto, analisam-se aspectos da enunciação e do desempenho dos personagens que participaram de uma parte do programa *Criança Esperança*, de 2006, veiculado ao vivo pela Rede Globo de Televisão. Interessa-nos, particularmente, a análise dos elementos que compõem o processo enunciativo e o desempenho dos sujeitos que, ao protagonizarem o programa de tevê, agem como interlocutores nesse diálogo, buscando um ajuste constante de sua conduta para compor uma *performance* articulada com as determinações da enunciação.

Objeto de análise

O programa *Criança Esperança* é exibido anualmente pela Rede Globo de Televisão, cujo início se deu em um especial do programa dominical *Os Trapalhões*, em 1986, com 9 horas de duração. A proposta do especial foi chamar a atenção da opinião pública para a situação das crianças e adolescentes brasileiros. Há vinte anos é realizada, anualmente, uma campanha com o objetivo de arrecadar recursos. O show é o ápice dessa campanha, que é precedida por comerciais que incentivam doações, com a divulgação de projetos que são realizados com os recursos destinados ao programa. De acordo com o sítio do *Criança Esperança*,¹ ao longo desses 20 anos o show reuniu quase 200 *celebridades* e, em média, 73 milhões de espectadores assistiram e contribuíram com as iniciativas propostas pelo programa.

O show tem sua apresentação dividida em duas partes. Uma primeira, que vai do sábado, por volta das 21 horas e 40 minutos, até 1 hora e 30 minutos do domingo. A segunda parte é apresentada aos domingos, das 13 às 15 horas, quando se inicia o programa “Domingão do Faustão”.

Este trabalho foi elaborado com base em um recorte de 30 minutos da programação de domingo à tarde.

O recorte do programa

A parte escolhida para análise do programa foi aquela cuja apresentação esteve a cargo dos apresentadores Luciano Huck, Angélica e Ana Maria Braga. Nessa parte, os apresentadores buscam estimular as doações ao programa, falando com outros atores da emissora que são chamados, por meio de ligações telefônicas, não somente para darem depoimentos sobre a importância do projeto, como também para testemunharem as próprias doações ao vivo. O trecho utilizado para análise contém 30 minutos dessa programação.

1 Disponível em: www.criancaesperanca.globo.org.br. Acesso em 13 jul. 2007.

Os apresentadores Luciano Huck, Ana Maria Braga e Angélica conversam sobre a importância das atividades desenvolvidas pelo *Criança Esperança*, buscando sensibilizar os telespectadores para a importância da doação, e o apresentador anuncia que procurará outros atores da emissora, naquele instante, para saber se eles já fizeram suas doações. A partir daí, será desenvolvido um diálogo com outros atores da emissora, no qual os apresentadores estarão empenhados em destacar os valores do projeto e, com isso, incentivar os telespectadores a contribuir com o *Criança Esperança*. Dado o contexto expresso pelos objetivos do programa, esse diálogo será marcado por tensões performáticas que serão refletidas no jogo das falas dos artistas com os apresentadores.

Pressupostos teóricos

A enunciação, para Ducrot (1984), designa um acontecimento singular a que um enunciado se refere e nele se encontra qualificado. Isso vai além de uma definição que qualifica o ato de fala, composto por um locutor, um destinatário e uma dada situação da qual se fala. O contexto em que essas falas estão inseridas não está dado totalmente *a priori*, embora existam situações que concorrem para o agenciamento das falas; a situação criada no decorrer delas também diz respeito ao contexto que a constitui e da forma ao diálogo. Toda enunciação, assim, postula um alocutário, o outro para o qual a fala se constrói e apela. É esse outro, buscado no imaginário de quem constrói um discurso midiático que, mediante sua presença imaginada, ajudará a construir o discurso do programa analisado.

Bakhtin (1992) fala do diálogo como condição fundamental para qualquer processo de comunicação. Como diálogo, no entanto, não define apenas as formas de interação do tipo face a face, mas todo tipo de comunicação verbal, inclusive aquela feita por meio uma leitura, tomada também como um tipo de comunicação verbal. O livro é tomado como exemplo, uma vez que o texto é elaborado de acordo com determinado estilo, quando procura se confrontar com algumas ideias e antecipar objeções. Com base em tais pressupostos, entendemos que é possível acrescentar, ainda, as formas de comunicação midiáticas que ocorrem em escalas muito mais amplas, construindo redes de interações com ouvintes, que as compartilham em diferentes contextos.

Bakhtin (1992, p. 111) define expressão-enunciação como “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem, com a ajuda de algum código de signos exteriores.” Para ele, a expressão é que será responsável pela organização e orientação da atividade mental. Seu

pensamento concentra grandes esforços na crítica ao subjetivismo individualista, que trabalha a ideia da construção da expressão no interior do indivíduo e vê a sua exteriorização como uma tradução das formas expressivas internamente construídas. Aponta para a necessidade de se considerar a situação social mais imediata como determinante para a organização de uma expressão qualquer e, também, para o fato de a expressão dirigir-se sempre a um interlocutor real ou pelas representações sociais identificadas pelo locutor.

A palavra, para ele, define o território comum entre locutor e ouvinte e variará sempre, de acordo com os pressupostos enfrentados na situação real da interação ou nas apostas que o interlocutor fizer sobre os lugares sociais que ocupam os prováveis parceiros com os quais interage. Portanto, todo locutor, quando se expressa, fala a alguém que pertence a um lugar social, a um quadro de referências culturais preconcebidas pelo locutor que o orientam e conformam o endereçamento do seu discurso para o outro. Assim, o locutor só é dono da palavra na materialização fisiológica da expressão, uma vez que em boa medida ele partilha com seu interlocutor, por meio dos pressupostos que se tem dele, a engenharia da forma e o conteúdo da expressão. Embora se possa considerar um exagero a afirmação de Bakhtin de que toda utilização da língua e toda palavra sejam ideológicas, não se pode negar sua importante contribuição na discussão do meio social como organizador da expressão individual.

Para Benveniste (2001), antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade e, à medida que o locutor se manifesta, por meio de um discurso postulando a presença de outro, a enunciação se constitui. O locutor torna-se, assim, uma condição necessária da enunciação. Com isso, ao utilizar a língua, o locutor constrói uma referência interna em constante relação com a enunciação. Ao fundar uma enunciação, o indivíduo usa a palavra como ponte, um laço social capaz de uni-lo a outro, comunicar-lhe um sentimento, levá-lo a agir, enfim, construir possibilidades.

Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão, mas como um modo de ação. (BENVENISTE, 2001, p. 90)

O ato de linguagem, para Charaudeau (2001), ocorre entre sujeitos definidos como sede da produção/interpretação da significação, e esses sujeitos devem reconhecer-se como parceiros de uma relação contratual que possibilite uma interação linguageira. A relação contratual se baseia

no desafio que ela mesma constitui, criando, assim, o próprio contexto de sua realização. Cabe destacar, no entanto, que o contexto também se constitui de condições herdadas, que não produzimos e que criam determinações não absolutas.

Ao relevar o papel dos homens na construção histórica, Hall (2003, p. 167) apresenta o conceito de articulação, por meio do qual ações de agenciamento que articulam determinações sociais, o contexto constituído pelas interações e a ação política dos homens permitem a emergência de uma história social humanamente produzida:

Pode-se dizer que uma estrutura é o resultado de práticas anteriormente estruturadas. Estas, portanto, constituem as 'condições dadas', o ponto de partida necessário, para novas gerações de práticas. Em nenhum caso deverá a 'prática' ser tratada como algo transparentemente intencional: fazemos a história, mas com base em condições anteriores não produzidas por nós mesmos. A prática é a forma como uma estrutura é ativamente reproduzida.

Charaudeau (2001) mostra que a relação existente no ato de linguagem também se constitui com as expectativas presentes e os seguintes componentes: comunicacional, que responde pelo quadro físico da interação, identificando a presença ou não dos sujeitos e o canal que eles utilizam; psicossocial, que se define pelo quadro de referências que os sujeitos têm de si, englobando o estatuto social, a posição hierárquica, a idade, o sexo e outros; intencional, que diz respeito ao conhecimento que cada um possui (ou pensa possuir) do outro para fazer-lhe apelos, apoiando-se em saberes partilhados.

Assim, a manipulação, uma vez que visa à condução de determinada estratégia, longe de ser vista como uma deformação específica de um tipo de comunicação, é uma prática constante de todo ato de linguagem, mesmo que suas formas variem entre modos mais grosseiros ou sutis, cínicos ou sinceros. O dizer marcado por uma expectativa de significação do sujeito comunicante torna-se, dessa forma, uma encenação apoiada nos três componentes acima citados. A percepção que o sujeito comunicante tem do ritual que envolve esses elementos constitui, para Charaudeau (2001), o lugar de fala. O sujeito interpretante é aquele que constrói uma interpretação baseada nesses componentes, considerados com base em sua experiência.

Acrescente-se a essa discussão o fato de que nem sempre haverá simetria entre os sujeitos interpretante e comunicante. Os sujeitos de uma interação podem, ao longo de um processo de conversação, desempenhar

papéis ancorados em um desses dois lugares, em diferentes momentos desse processo. Interessa-nos, no entanto, apenas uma análise de posicionamento desses papéis mediante a configuração contextual, encenada em um programa de televisão cujo objetivo é fazer crer que o dinheiro arrecadado terá a destinação mais adequada. Além disso, fazer também com que a população, sensibilizada por essa iniciativa, aceite o apelo do jogo marcado pela constante argumentação/sensibilização de uma aposta, calcada no propósito de arrecadação para a ação social patrocinada pela Rede Globo de Televisão/Unesco e outros parceiros.

Na situação em estudo não será buscada a performatividade na análise da estrutura da língua, como aponta a perspectiva crítica de Charaudeau (2001), mas, sim, no desempenho dos sujeitos, nos modos de apropriação das falas criadas pelas estratégias discursivas e marcadas pelo contexto da interação, além de seus constantes esforços para cumprir o papel esperado no ato de linguagem. Assim, não se pretende buscar a realização de um *efeito performativo* proposto pelo autor, mas a análise de um processo que requer o posicionamento dos protagonistas de uma interação, que visam esse efeito.

A análise

O desempenho dos artistas

O apresentador chama a atriz Cláudia Raia ao telefone para uma conversa que será ouvida pelos telespectadores do programa. Logo no início da conversa, a apresentadora Ana Maria Braga questiona se ela poderia fazer uma pergunta mais pessoal à atriz, que lhe responde dizendo ter ela o direito de lhe perguntar o que quiser.

A apresentadora, então, remete a conversa para outro contexto, bem conhecido de ambas e também do telespectador: o desempenho do ator Edson Celularina novela *América*, através de um personagem de grande sucesso perante os telespectadores. Ela pergunta como a atriz Cláudia Raia, esposa do ator, vê o relacionamento do marido com três mulheres na ficção. Em um tipo de interação altamente amistosa, a atriz entra no jogo proposto. Diz que está bastante satisfeita com o marido, uma vez que “pegar” três mulheres na novela não tem atrapalhado porque ela também está tentando “pegá-lo” em casa; afirma que isso não é problema porque o marido dá conta. Com isso, a atriz mostra-se absolutamente engajada no propósito dos apresentadores. Desempenha o papel que se espera dela, integrando e permitindo a ampliação do diálogo para uma arena menos pública e, ao mesmo tempo, concordando

com a linha proposta pela interação, em consonância com contextos que podem fazer sentido para o telespectador.

A partir daí, a apresentadora Angélica intervém no diálogo e diz que a tranquilidade da atriz se justifica porque, na próxima novela, que substituirá a trama atual, será ela quem virá “pegando todos” e, por isso, ela não está ligando muito para a atual situação vivida pelo marido. Com essa intervenção no quadro enunciativo, procura-se ressaltar as qualidades da atriz que, assim como seu marido, certamente fará sucesso por causa da sua competência e, também, do reconhecimento do público e da emissora, que já lhe reservou um papel de destaque na novela seguinte. Destaca-se uma constante preocupação com o autoelogio, sejam dos artistas, que são chamados como personalidades, consagradas pelo reconhecimento do seu trabalho, seja da emissora, que simplesmente significa essa realização, uma vez que os atores pertencem ao quadro de personalidades porque estão associados a ela.

Depois desse preâmbulo, que buscou descontrair o telespectador, familiarizar-se com ele e entretê-lo, notou-se, também, a busca de uma associação da imagem dos artistas, que são referências perante o público, com a iniciativa da emissora, reforçando-lhe a imagem e as qualidades. A partir daí, a atriz é questionada pelo apresentador Luciano Huck sobre suas próprias doações. As palavras de apoio à campanha colaboram com a expectativa do locutor, que recebe com gestos afirmativos e satisfeitos os elogios feitos à iniciativa tomada pela emissora, com o reforço da atriz aos reiterados apelos que os apresentadores fizeram antes pelas doações ao projeto da emissora.

O apresentador Luciano Huck consulta sua lista telefônica e, munido de informações, sugere chamar o ator Rodrigo Santoro, que estava passando o domingo na casa da mãe. A resposta de aceitação do público que participa do programa ao vivo é imediata. Quando a chamada se completa e a mãe do ator atende o telefone, o locutor se apresenta: fala do programa e pergunta se ela já fez a doação e se o ator também o fez. A mãe do ator responde solícita e afirmativamente à indagação do apresentador sobre suas doações e diz que não sabe se o filho doou, não oferecendo novos contextos para o desenrolar da interação. O apresentador pergunta se o ator fez xixi na cama depois dos 3 anos de idade. Ela diz que não e que isso já faz muito tempo. Imediatamente a iniciativa do diálogo volta-se para o apresentador, que indaga se o Rodrigo era um bom menino. Ela diz que sim, e até hoje é um bom menino. O apresentador agradece e pede para falar com o ator.

Ana Maria Braga pergunta a Rodrigo Santoro se ele já havia almoçado. O ator responde que não e diz que foi à casa da mãe matar a

saudade e lembrar um pouco o tempo de criança. A apresentadora, então, pergunta se ele já havia feito a doação, e ele diz que sim, que havia doado bem mais cedo e não diz mais nada. Com o breve silêncio que se estabelece no diálogo entre eles, o apresentador intervém diante da atitude pouco interativa do ator e, novamente, justifica sua iniciativa de ligar para ele no domingo, retomando a discussão feita sobre o projeto *Criança Esperança*. Afirma que o ator foi procurado por se tratar de uma pessoa engajada em ajudar o próximo e que eles gostariam de saber se ele havia feito sua doação para o *Criança Esperança*, propiciando uma nova chance para que o ator se engajasse no tipo de interação proposto e pudesse desempenhar o papel que se esperava dele.

Diante dessa nova intervenção do apresentador, o ator aceita o desafio proposto. Reproduz as falas que reforçam o programa, chama atenção para a importância dessa fase da vida, que é a infância, e menciona criticamente, de forma genérica, a atual situação de abandono das crianças; faz apelos aos telespectadores para que façam doações e assumam o compromisso com esses valores, mesmo em períodos fora da campanha. Embora o ator pareça bem mais empenhado em jogar o jogo na sua segunda intervenção, sua fala aparece muito genérica, aparentemente pouco vinculada à experiência dos telespectadores, e somente apareceu engajada na perspectiva do programa quando fez apelo às doações. Ao final da intervenção, o apresentador agradece e chama a dupla Guilherme e Santiago para uma apresentação musical. Ao final dessa apresentação, um dos artistas faz novos apelos ainda durante a música, pedindo *Liga Brasil!* em favor de novas doações.

Ao retomar a cena, o apresentador Luciano Huck coloca-se ao lado da jornalista Mariana Godoy, que acompanha pelo monitor do computador o volume de arrecadação. O número de R\$ 10.512.000,00 é anunciado efusivamente. O apresentador, que havia se comprometido a tirar uma peça de roupa a cada momento em que a arrecadação atingisse a marca de 100.000,00, diz não estar cumprindo à risca sua promessa por causa da resposta positiva que o público deu ao programa. De forma bastante animada, a proximidade de uma nova quebra de recorde na arrecadação é noticiada e novas atrações são anunciadas para a sequência do programa. O apresentador chama o intervalo comercial e solicita aos telespectadores que permaneçam ligados no programa.

Logo depois, o programa recomeça com uma fala entusiasmada da apresentadora Angélica, ao vivo, do Ginásio do Ibirapuera, da festa dos 20 anos do *Criança Esperança*. Novamente a dinâmica do jogo interativo é explicado pela apresentadora, dizendo que os colegas estão sendo pegos de surpresa, por telefone, e indagados se já fizeram ou não suas

doações. Luciano Huck diz que sua intenção é falar com celebridades e resolve ligar para a atriz Malu Mader.

Às 14h15, ele liga para a casa da atriz, que atende e inicia o diálogo. O apresentador pergunta se ela está surpresa. A atriz responde que não ficou tão surpresa e se justifica dizendo que ela já estava acompanhando, muito empolgada, os relatos importantes que o programa estava trazendo. A negativa à pergunta do apresentador tornou ainda mais promissora a interação entre ambos, pelo fato de a atriz se mostrar altamente engajada no propósito pretendido pelo apresentador. Ela, então, dá sequência a uma longa fala, combatendo o ceticismo daqueles que poderiam duvidar da iniciativa. Entretanto, esse combate não se faz sem que uma justificativa para essas mesmas pessoas seja dada por ela, dizendo que as pessoas, quando ouvem relatos de situações em que recursos são desviados, acabam por se tornar descrentes e isso prejudica iniciativas tão importantes e sérias quanto as do *Criança Esperança*. Reconhece que esse ceticismo tem a ver com as experiências negativas que se tem na vida pública brasileira.

A atriz trabalha, nesse contexto, possíveis objeções que podiam ser apresentadas e confirma que já fez várias doações para o projeto. Mais uma vez o papel da emissora é enaltecido em sua fala. Ressalta que uma iniciativa como esta, marcada por ampla visibilidade e com a chancela e credibilidade da Rede Globo de Televisão, merece a confiança dos telespectadores brasileiros pela seriedade de seus propósitos e, sobretudo, de seus agentes promotores.

A atriz é interrompida em sua fala pela apresentadora Angélica, que anuncia, empolgadamente, a ultrapassagem do recorde de arrecadação em relação ao ano anterior. Ao retomar a palavra, a atriz parabeniza a todos pela quebra do recorde. Antes que se despeça, o apresentador pergunta à atriz o que ela estava fazendo naquele momento. Ela diz que acabara de fazer uma corrida na esteira e que o Toni (Beloto) – seu marido – havia feito uma corrida e agora estava em companhia de seus filhos, sendo que um deles tinha ido para uma festa de aniversário. Despede-se dos apresentadores, com saudações particulares para cada um, e dos telespectadores, dirigindo sua intervenção para um discurso em defesa dos direitos das crianças e do compromisso que todos devem assumir não apenas com doações financeiras, mas também com carinho e afeto dedicado a essas crianças.

Percebe-se que a atriz se coloca muito empenhada na articulação dos elementos que compõem o ato linguístico. Articula coerentemente o contexto da situação interativa e reforça os propósitos anunciados pelo programa. Constrói uma argumentação que antecipa objeções importantes,

que podem dificultar o principal objetivo do programa que é sensibilizar o telespectador para aderir ao apelo das arrecadações. Reconhece a legitimidade da iniciativa e a avaliza, contribuindo com o reforço de uma atuação que busca fazer com que o telespectador acredite nos propósitos e ações veiculadas durante o programa.

Nova apresentação musical acontece. O jovem grupo musical B5 é chamado ao palco. Ao final, o grupo se despede sem nenhuma menção ao programa ou à arrecadação de recursos. A apresentadora lhes agradece e tenta vincular o grupo ao propósito do programa. Diz que o sucesso daqueles jovens cantores tinha relação direta com as oportunidades que tiveram, cabendo àqueles que estavam vendo o programa fazerem sua doação para que outras crianças e jovens tivessem uma base mínima e também pudessem se realizar. Conclui seu discurso dizendo ser esse o objetivo que o *Criança Esperança* procurava realizar em suas ações pelo país e reitera os apelos pelas doações. Outra vez os apresentadores se colocam como âncoras que retomam o contexto da enunciação, propondo ao público novas formas de interação significativas, com o objetivo de reforçar os apelos para novas doações.

A palavra das crianças atendidas pelo programa: o jogo interativo com outros atores

A partir daí um novo quadro se institui no decorrer do programa. Cinco crianças beneficiadas pelas ações do projeto *Criança Esperança*, de diferentes cidades do Brasil, são encarregadas de fazer uma carta de agradecimento ao público que fez algum tipo de doação ao projeto. Cada parte da carta foi escrita por uma dessas crianças, dando continuidade ao que outra havia escrito. A atriz Cristiane Torloni é chamada ao palco para fazer a leitura da carta. A atriz conduz a leitura do texto bastante emocionada. A carta é um elogio às iniciativas do projeto. Agradece ao *Criança Esperança* a oportunidade de aprender, estudar, brincar e se fortalecer como criança brasileira. Fala dos sonhos de viajar, conhecer o Brasil e outros países. Diz que o projeto mudou-lhes a vida e a de centenas de crianças da comunidade, enfim a vida das crianças no Brasil. Reafirma a fé em Deus, na solidariedade e no trabalho para tirar as crianças brasileiras das ruas. Reverencia e agradece de forma especial àqueles brasileiros que contribuíram com o projeto ao longo desses vinte anos e afirma a crença na construção de um país almejado por elas. Com a voz embargada pela leitura do texto, a atriz é “socorrida” pela apresentadora Ana Maria Braga, que a consola enquanto é aplaudida e chama as cinco crianças das cidades de Olinda, Belo Horizonte, Curitiba, Ribeirão Preto e Cuiabá para se apresentarem no palco e prestar depoimentos sobre as ações do projeto.

As crianças recebem os parabéns, e o apresentador inicia uma entrevista perguntando o nome de uma delas, que se chama Daniele. Em seguida, pergunta-lhe sobre a idade e a cidade onde nascera. Ela disse que tinha 8 anos e havia nascido em Apucarana. O apresentador pergunta se a cidade é grande ou pequena. A menina diz que a cidade é mais ou menos. Luciano Huck aproxima-se da criança e diz que era importante dizer ao telespectador que o dinheiro chegava mesmo ao destino, como era prometido. Diz à criança que queria saber de sua “boquinha” o que havia mudado em sua vida com o dinheiro do *Criança Esperança*. Reitera sua estratégia, perguntando o que aconteceu na vida dela num lugar tão distante de São Paulo como Apucarana. A criança responde que o projeto ajudou-a a ter força, a brincar, fortalecer-se e a crescer. O apresentador retoma a palavra tentando nova interação com a criança e pergunta se na cidade dela há um lugar onde ela possa brincar, ou alguma ONG que lhe dê educação e seja ajudada pelo *Criança Esperança*. A criança simplesmente diz que tem. Ele pergunta novamente que ONG há lá e a criança responde que tem os “pracinhas que brincam lá e tem as crianças...”. Novamente, o apresentador pergunta se essa ONG cria um espaço para que elas brinquem, como é financiada com o dinheiro que está saindo do projeto, e a criança diz laconicamente que sim.

O apresentador volta-se para outra criança e indaga: “E você”? A criança diz o nome dela e que também tem esperança. O apresentador pergunta de onde ela veio e como o dinheiro do projeto chega lá, como é o dia a dia dela, o que modificou e se ela participa de alguma ONG. A criança diz que participa de um projeto chamado *Flauta Mágica*, em Cuiabá. Por fim, pergunta se a ONG da qual ela participa é sustentada com dinheiro do *Criança Esperança*. Outra breve resposta é dada pela criança: “É”. O apresentador agradece e, em seguida, Ana Maria Braga pergunta a outra criança: E você quem é? A criança responde que ela é Bruna, de Belo Horizonte. A apresentadora pergunta se mudou alguma coisa na vida dela. Ela diz que mudou muita coisa, que pode ter mais esperança e mudar muitas coisas na vida. A apresentadora passa a outra criança e pergunta de onde ela é. A criança diz que é de Recife. Ao lhe perguntar qual era o nome dela, a criança responde, a apresentadora diz que gostaria de agradecer e é interrompida por Angélica, que chama o menino que não havia sido entrevistado. Pergunta de onde ele é, e o garoto responde que é de Ribeirão Preto e que se chama Tiago. Pergunta o que mudou para ele e o que ele gostaria de falar sobre a importância do projeto para a vida dele e de todas as crianças do Brasil. Ele diz que a importância das doações é para que as crianças tenham mais futuro e possam seguir o caminho certo. Em razão disso,

seria importante que as pessoas doassem para ajudar o Brasil inteiro. Angélica pergunta se para ele foi assim, e ele diz que sim. Ana Maria Braga interveio dizendo que, para eles, deve ter sido interessante terem se conhecido pessoalmente depois de escreverem, juntos, uma carta sem nenhum contato anterior. Pergunta se eles gostaram de escrever a carta completando o que o outro escreveu e eles fazem um gesto afirmativo com a cabeça. Agradece às crianças a participação e é seguida, no gesto, pelo apresentador Luciano Huck, que chama a atriz Cristiane Torloni para que ela fale. A atriz reitera o agradecimento aos brasileiros que estão colaborando e menciona, criticamente, o momento político conturbado vivido pelo país em 2006 e, numa alusão aos propósitos do projeto, diz que ainda é possível ter esperança.

Apesar do empenho dos apresentadores, a interação não ocorre como desejava a produção do programa. O diálogo com as crianças foi marcado pelo distanciamento de suas experiências. As expectativas dos apresentadores foram pouco a pouco se desfazendo diante da reduzida disposição e condição que as crianças apresentaram para o tipo de interação proposta. Num primeiro momento, os esforços argumentativos do apresentador dependiam de uma resposta convincente das crianças, que em nenhum momento apareceu. Elas se limitaram, na maioria das perguntas, a concordar com a perspectiva esperada pelos locutores, sem contribuir com argumentos que pudessem conferir credibilidade ao discurso proposto.

Constrangidas pelo contexto que impunha algumas regras que envolviam os jogos interativos e, ao mesmo tempo, empenhadas em colaborar da melhor forma possível, as crianças ficaram sem ação discursiva diante dos questionamentos apresentados, fazendo com que os apresentadores buscassem dois tipos básicos de atitudes. Num primeiro tipo, o apresentador buscou outras formas de questionamento, tentando, de toda forma, contribuir para o engajamento das crianças no desempenho arquitetado e esperado pela produção do programa. As crianças e seus depoimentos serviriam como reforço de legitimação para uma ação discursiva da emissora. Faltaram experiência e argumento para reforçar/sedimentar a imagem de credibilidade requerida pela construção discursiva.

Num segundo tipo – quando a apresentadora Ana Maria Braga toma a iniciativa das entrevistas –, ela parece desistir do empenho tentado pelo colega, ouvindo apenas a primeira criança entrevistada por ela. A apresentadora se limitou apenas a perguntar o nome e o lugar de origem da segunda criança. Ao tentar encerrar o quadro com os agradecimentos, é interrompida pela apresentadora Angélica, que tenta, ainda, algum êxito com uma nova iniciativa calcada no primeiro tipo. Novamente a empreitada se vê fracassada, diante de novo desempenho não esperado

por parte da última criança entrevistada. Assim como as outras, ela apenas responde afirmativamente à pergunta da apresentadora, que já traz uma resposta esperada sobre a utilização dos recursos arrecadados.

Conclusão

Por meio desta análise, procuramos apresentar locutores agindo em constantes elaborações discursivas articuladas à enunciação. Esse desempenho se integra a um quadro no qual o sujeito se insere, considerando sua experiência, seu conhecimento sobre a situação dada e sua intenção em relação ao outro.

Ao analisar os diversos elementos que concorrem para a atuação do sujeito, reforça-se o papel de um jogo interativo no qual as pretensões de significado são jogadas num exercício de mútuo engajamento. Por meio dele, os interlocutores não se decidem apenas pelo entendimento ou pela dissonância, mas, antes de tudo, pelo desejo de participar de uma interação. Jogar esse jogo é tecer um discurso sobre um objeto do mundo, endereçá-lo ao outro e apostar num sentido pretendido.

Perceber as sinalizações de compromisso com esse jogo, fazer da palavra uma ponte capaz de nos ligar aos outros e interferir numa perspectiva de ver o mundo é também oferecer-lhes outras possibilidades de agir no mundo. Ao representarmos um papel, solicitamos dos outros uma crença, um tipo de compreensão sobre nós, uma ação. Para que um desempenho solicitado se realize, o contexto e as pretensões envolvidas numa interação devem ser reconhecidos. A atuação consonante entre o locutor e o alocutário, no entanto, não se realiza apenas como decorrência desse reconhecimento e empenho por parte dos protagonistas.

Ao retomar o exemplo do diálogo das crianças com os apresentadores, podemos observar que o esforço de uma atitude cooperativa com a interação, o entendimento sobre o papel que deve ser cumprido e o desejo de cumpri-lo não garantem aos interlocutores a percepção das formas possíveis de agenciamento e da articulação de uma construção discursiva e, conseqüentemente, o pleno reconhecimento do lugar de fala. Talvez seja possível inferir que aquelas crianças estivessem, sinceramente, dispostas a desempenhar o que lhes foi requerido, mas, ao jogarem o jogo das interações, a materialidade do dizer evidenciou a falha do desempenho na construção dos significados pretendidos.

Enunciation and performance in the analysis of a TV program

Abstract

This study analyzes the articulation of the elements that make up a kind of media interaction and performance of their players, based on a segment of the Criança Esperança program on Globo Television Network. In the text, concepts such as articulation, interaction, and performance are studied, using the dialogic relationship of the program's presenters with their interviewees as a reference for analysis. The frequent change in the dynamics of spoken lines observed in this dialogue is highlighted as a way of setting the essential context that establishes the interaction analyzed

Key-words: *Discourse. Enunciation. Performance on television.*

Referências

BAKHTIN, M. (Voloshinov). Interação verbal. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992. p. 110-127.

BENVENISTE, Emile. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2001 p. 81-90.

BRAGA, José Luiz. Lugar de fala como conceito metodológico no estudo de produtos culturais e outras falas. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. *Mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Diadorim/Compôs, 1997. p.105-120.

DUCROT, O. Enunciação. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi: linguagem e enunciação. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. v. 2. p. 368-393.

CHARAUDEAU, M. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. *et al. Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2001. p. 23-38.

HALL, Stuart. Significação, representação e ideologia: Athusser e os debates pós-estruturalistas. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv. Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 160-198.

